

Credor amplia reserva contra perdas na dívida brasileira

O governo dos Estados Unidos recomendou ontem aos bancos norte-americanos credores do Brasil e da Argentina que aumentem ainda mais suas reservas de cobertura para perdas financeiras por falta de pagamento das dívidas de ambos os países e que reduzam o valor desses empréstimos pendentes em 20% para o Brasil e em 10% para a Argentina — o que, para o economista e professor da PUC-Rio Gustavo Franco, significa “um reconhecimento tardio” das autoridades norte-americanas sobre a realidade da dívida e a capacidade de pagamento desses países. Com essa redução, o montante de empréstimos sob o regime de perdas potenciais previsto na legislação norte-americana é estimado em cer-

ca de 40% acumulados para o Brasil e 70% para a Argentina.

A recomendação aos bancos credores foi feita pelo Comitê Multi-setorial de Revisão, composto por membros da Junta de Reserva Federal (o banco central dos Estados Unidos), do Escritório de Administração da Moeda e da Corporação de Seguros de Depósitos Federais. Pela regulamentação bancária, a redução é um mecanismo pelo qual os bancos diminuem o valor de empréstimos pendentes, ao mesmo tempo em que são obrigados a aumentar reservas de cobertura para possíveis perdas — o que afeta negativamente seu faturamento e seus lucros. A redução difere do cancelamento ou eliminação de dívidas — medida mais severa na qual um em-

préstimo é classificado como irrecuperável e eliminado como “dinheiro ruim”. Essa foi justamente a decisão tomada ontem pelo Citicorp, maior credor do Brasil, que anunciou ter programado a eliminação de aproximadamente US\$ 650 milhões de seus empréstimos de médio e longo prazos ao Brasil. O maior banco dos EUA também anunciou que eliminará US\$ 65 milhões em empréstimos à Argentina ainda neste trimestre.

Para o economista Gustavo Franco, a recomendação norte-americana, mesmo representando um reconhecimento da realidade do mercado da dívida, aparenta ser “um gesto hostil”, cujos desdobramentos na negociação brasileira são imprevisíveis.